

A MALANDRAGEM DO PÍCARO E A PICARETAGEM DO MALANDRO: UMA LEITURA DO PERSONAGEM JOÃO GRILO

NOGUEIRA, Rafaella Lima
rafa_jorn@hotmail.com

RESENDE, Eviluzia Oliveira
eviluziaresende@hotmail.com

FREITAS, Pedro de Jesus
pjesusfreitas@hotmail.com

Orientadora: Prof.^a M.sc. **NUNES**, Antonia Maria
Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Professora de Teoria Literária e
Literaturas do curso de Letras da Universidade Tiradentes.
antonia_maria@unit.br

RESUMO:

A designação para o termo picaresco difere da criação do termo e do gênero nas suas origens. Criado usando como base três textos da literatura Ibérica do século XVI e que traziam personagens pouco típicos para a época. Os pícaros estão à margem da sociedade e através de trapaças, mentiras e enganações passam a vida tentando “ter para ser”.

Tal personagem singular assemelha-se ao malandro brasileiro que através das décadas foi citado na música popular brasileira e tornou-se um símbolo do bom vivant carioca. Mas o estereótipo do malandro não ficou apenas no Rio de Janeiro. Pudemos observar na literatura de cordel o malandro João Grilo e pudemos assim demonstrar como o malandro brasileiro tornou-se um personagem único e independente e que mesmo semelhante ao pícaro espanhol, hoje é brasileiro símbolo de um povo malandro por natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Pícaros, Malandros, Literatura, Cordel, João Grilo.

ABSTRACT :

The designation of the term differs from the picaresque and the creation of the term gender in their origins. Created using as the basis of three texts of the sixteenth century Iberian literature and bringing some characters typical for the season. The Pícaros on the margins of society and through trickery, lies and deceptions spend their lives trying to "have to be. "

This singular character resembles the Brazilian trickster who through the decades was quoted in Brazilian popular music and became a symbol of good vivant Rio. But the stereotype of the rascal was not only in Rio de Janeiro. We could see the string literature the trickster John Grilo and we were able to demonstrate how the trickster Brazil became an independent and unique character, and that even similar to the Spanish picaresque, today is a symbol of Brazilian people mischievous by nature.

KEY-WORDS: Pícaros, tricksters, literature, cordel, John Grilo.

O presente artigo tem por objetivo o estudo das personagens picarescas, que provêm da literatura Ibérica do século XVI. Tais personagens têm relação com um tipo brasileiro, proveniente da nossa literatura e que pode ser chamado de um anti-herói: o malandro. A relação entre o pícaro espanhol e o malandro brasileiro e examinar tipos de malandros que se desenvolveram ao longo da nossa literatura é o que pretendemos.

Nossa pesquisa parte da identificação dos três pícaros que serve de base para essa análise e da diferenciação das ações e personalidades de cada um deles. Analisando o que faz de um pícaro tal, passamos a examinar o pícaro no contexto brasileiro e porque aqui ele se torna um malandro (CANDIDO, 1998).

Essa pesquisa encontra ressonância nos estudos de: Mário Gonzáles (O Romance Picaresco) e de Antonio Candido (Dialética da Malandragem). As obras lidas e comparadas são: o folheto de cordel As Proezas de João Grilo, de João Ferreira de Lima, Lazzarillo de Tormes (autor desconhecido), O Guzmán de Alfarache (Mateo de Aleman) e O Buscão (Francisco de Quevedo), Memórias de um sargento de milícia, de Manuel Antonio de Almenida e a série de televisão A grande Família, de Oduvaldo Viana.

O CONTEXTO PICAresco

Na fala popular brasileira, e segundo o dicionário Aurélio, o adjetivo picaresco significa algo burlesco, ridículo, cômico. E na Espanha do século XVI surgia uma forma de narração onde o personagem principal estava mais para esperto e sagaz que para ridículo. O que acontecia antes desse gênero na literatura medieval era os romances de cavalaria, em que corajosos cavaleiros eram narrados em suas histórias de bravura.

Já no que seria chamado de romance picaresco (González, 1988) são os protagonistas, chamados de pícaros, que narram suas próprias histórias de vida. Vida essa que não tem nada de heróico ou admirável. Além de ser uma forma de narrativa diferente por estar em 1º pessoa, a picaresca traz uma história nova, em que a vida da personagem é vivida por alguém à margem da sociedade, mas que deseja “ter para ser”.

Foram três os romances picarescos que passaram a servir de base para a literatura picaresca: O Lazarilho de Tormes, O Gúzmán de Alfarache e O Buscão. São esses três romances, segundo Mário González (1988), que apesar de estarem escritos em tempos diferentes, nos mostra, a perspectiva social pretendida: a reforma interior do sistema, a sátira do marginalizado e a auto defesa do dominador.

O surgimento desse tipo de romance demonstra que o momento histórico espanhol já não refletia o que os romances de cavalaria demonstravam (González, 1988) Como discurso, a picaresca não apenas traz a sátira social ou de costumes, mas também a própria sátira humana, em que o pícaro, no final de sua vida, passa a refletir no vazio dos valores da sociedade da época e como é inútil apoiar-se nela. E olhando para si mesmo, o pícaro percebe seu vazio interior.

E mudanças na sociedade espanhola do século XVI eram muitas. Com a ascensão da burguesia e a expansão marítima que começava a impulsionar a economia da Península Ibérica, os nobres viam a sociedade espanhola avançar. Mas isso não acontecia com a classe mais pobre, que acabou continuando no mesmo lugar, sobrevivendo para viver um dia de cada vez. E é da escala da pobreza que surge o pícaro, uma personagem que deseja ascender à nobreza, mas

não através do trabalho ou de méritos louváveis, mas sim de subterfúgios, trapaça e enganação.

Mas como definir o romance picaresco? Mário Gonzáles define o gênero de uma forma clara e direta:

“Nós o entendemos como sendo a pseudo-autobiografia de um anti-herói que aparece definido como marginal á sociedade; a narração das suas aventuras é a síntese crítica do processo de tentativa de ascensão social pela trapaça; e nessa narração é traçada uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro.” (1988, p42)

Tal definição parece plausível na narrativa dos três romances picarescos principais, dos quais falaremos mais profundamente mais adiante, os quais têm protagonistas que como já dito, buscam a ascensão social, mas não colocam o trabalho como meio para atingir esse fim. A vida do pícaro é corretamente chamada de aventura, já que suas peripécias cômicas e trapaças são os principais recursos do pícaro.

E o texto O Tupi e o Alaúde, de Gilda de Melo e Souza, citado também em Mário Gonzáles (1988, p61), nos dá uma definição para o personagem pícaro:

“Um vencido-vencedor, que faz da fraqueza a sua força, do medo a sua arma, da astúcia o seu escudo: que vivendo num mundo hostil, perseguindo, escoraçado, às voltas com a adversidade, sempre acaba driblando o infortúnio.

O pícaro é mostrado nessas duas definições como um anti-herói. E o é porque não exhibe a coragem como virtude máxima, mas sim a malandragem necessária para matar a fome, para viver um dia de cada vez e conseguir driblar os infortúnios constantes em sua vida. O pícaro não pensa na coletividade, age em favor da individualidade, de si próprio. E a coragem que mostra em algum momento é na verdade conseqüência do medo de ficar para trás, sem absolutamente nada.

O NÚCLEO PICAESCO

O Lazarilho de Tormes foi inicialmente publicado em 1554 e suas edições não traziam o nome de um autor (Gonzáles, 1988, p7). Segundo Mário Gonzáles, que nos conta a história dos três romances picarescos, Lazarilho é filho de um

moleiro ladrão. Quando seu pai falece, sua mãe casa-se com um homem que rouba para sustentá-los. Quando são presos, Lázaro é entregue a um cego e fica servindo de guia para ele. Passando fome, Lázaro usa sua astúcia para sobreviver e após fugir, passa a vida realizando pequenos roubos e enganações. Entre os vários amos que Lázaro tem, um que se destaca é um suposto fidalgo que faz Lázaro desejar ter a mesma aparência deste. Mas o fidalgo é apenas de aparência e não tem nada além da roupa. Após um tempo, tendo juntado algum dinheiro, Lázaro compra uma roupa para parecer um “homem de bem”. No fim da narrativa ele consegue um ofício real, o de pregoeiro e tem sucesso nisso, fazendo com que ele mesmo termine sua narrativa dizendo que estava próspero.

Já o pícaro Guzmán de Alfarache nasceu meio que autobiográfico, através de seu autor Mateo de Alemán, em 1599 (Gonzáles, 1988, p18). A família do pícaro é arruinada e estando só parte para Madri para tentar a vida. Trabalha como ajudante de cozinha, mas também joga e acaba perdendo dinheiro. Depois de passar por várias dificuldades, acaba se fingindo de mendigo e doente para conseguir algum dinheiro. Durante sua vida enriquece algumas vezes, mas sempre perde seu dinheiro com jogo, mulheres ou porque depois de ganhar algum dinheiro, acha que agora pode apenas comer e dormir. No fim da narrativa Guzmán está como prisioneiro nas galés e diz que se arrepende de seus crimes. Acaba denunciando outros prisioneiros que iam fugir e ganha a liberdade.

O Guzmán, por ter sido escrito após Lazarilho, acabou contribuindo para o nascimento de uma noção até então não conhecida; a de “romance picaresco” como modalidade narrativa (Gonzáles, 1988). Mesmo com o Lazarilho produzindo o modelo inicial de pícaro, o Guzmán acrescentou melhorias a esse modelo, como por exemplo, a introdução de narrativas secundárias, não focalizando assim apenas a história principal de Guzmán, mas traz temáticas novas às essas narrativas. Muitas dessas novas narrativas traziam temas moralizantes e autocríticos, que podem ser vistas como típicas de um pícaro, visto que ele tende a se arrepender no fim da narrativa.

E o último dos três pícaros principais chama-se O Buscão (Gonzáles, 1988). Lançado em 1626 por Francisco de Quevedo, o protagonista de O Buscão é Pablos. Filho de um barbeiro ladrão e de uma bruxa e alcoviteira, Pablos faz um

amigo na escola, que o acompanha por suas primeiras aventuras. Depois de sofrer um trote no internato, ele decide “ser velhaco com os velhacos e mais que todos se pudesse”.

Ao longo de sua vida realiza pequenos furtos e enganos e sempre que pode finge ser um fidalgo rico para se dar bem. Após perder tudo o que tinha conseguido no jogo, entra numa companhia de teatro e começa a escrever peças e a ganhar dinheiro com isso, mas fica por pouco tempo. No fim da narrativa, ele encontra um antigo colega que o apresenta a outros pícaros e acaba dizendo que “foi pior, pois nunca melhora o seu estado quem muda somente de lugar e não de vida e costumes.”

A partir desses textos vemos bem as características das personalidades dos primeiros pícaros, que possuem uma filosofia de vida ímpar: são materialistas, desleais e têm uma inclinação para a fraude e a vadiagem. O pícaro fica entregue desde cedo à sua própria sorte, o que acaba o obrigando a se valer de meios desonestos para sobreviver. Não é incomum ele mendigar e servir a vários patrões, dos quais, também, recebe lições daquilo de que não se deve fazer para ganhar a vida. Muitas vezes esse tipo de situação de vida é usado como causa para os meios que o pícaro usa para tentar melhorar de status. Em seus argumentos estão a fome, a miséria e a vontade de ascensão social, para o que, por sinal, submete-se a condições, às vezes, imorais e degradantes.

Mas podemos notar que o pícaro, mesmo vivendo uma vida de infortúnios, não é uma personagem revoltada e inconformada com sua vida, mas tenta tirar da vida o melhor que ela pode lhe dar, mesmo que para isso precise passar por cima de todos. Percebemos que não se nasce pícaro e sim torna-se um, sendo os fatos da vida extremamente importantes para que o pícaro possa aprender com tais experiências. Através de suas reflexões, o pícaro percebe, em tom pessimista, que pode talvez mudar e tornar-se um homem de bem, sendo que essa reflexão é um ponto importante da personalidade do pícaro.

O pícaro irá, segundo os três romances espanhóis, usar de seus artifícios para se beneficiar, usar de sua malandragem para seu próprio bem e para seus benefícios, irá usufruir de todas as vantagens possíveis. Foi o caso de Lázaro do romance picaresco, que para remediar a fome foi um grande pícaro para driblar essa

situação. No romance picaresco iremos observar também em Guzmán um pícaro diferente de Lázaro, mais malandro, mais maldoso, sem escrúpulo algum. Guzmán chega ao final do romance a fim de obter sua liberdade e finge arrependimento. No entanto, é possível entender que tal arrependimento não passe de uma farsa dentro da farsa. (p.22)

O PÍCARO X O MALANDRO

Como facilmente percebemos o maior determinante para a construção da personalidade do pícaro é sua busca pela ascensão social, de pertencer à nobreza, sem trabalhar. E na literatura brasileira, temos também uma personagem que tem características de um pícaro. Mas segundo Antônio Candido, em sua *Dialética da Malandragem* (Cândido, 1998, p25), a personagem Leonardo, o protagonista de *Memórias de um sargento de milícia*, de Manuel Antonio de Almeida, é “o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira”. Leonardo também é um anti-herói marginalizado e nas aventuras de sua vida acaba mostrando a sociedade de sua época que prestigia a aparência e o status. De acordo com Gonzáles, a diferença entre o pícaro e o malandro Leonardo é a sociedade. Leonardo não deseja subir a nenhuma categoria. Na verdade não deseja sair do lugar, deseja ser um parasita na burguesia, sustentado não por méritos próprios, mas por suas trapaças e no fim de sua vida, não faz reflexões de arrependimento como faz o pícaro.

O malandro quer ter uma vida fácil, alguém que o sustente, gosta de trambiques, de trapacear a todos, não gosta de trabalhar e se precisar trabalhar irá tirar vantagens em cima de seus colegas e inclusive de seus superiores. Alguns compositores da música popular brasileira já mencionavam em suas composições o malandro, assim atribuindo-lhe características que exemplificam o que queremos explicar. “O malandro/Na dureza Senta à mesa/Do café Bebe um gole/De cachaça Acha graça/E dá no pé” (Chico Buarque)

Observamos nesse pequeno trecho da música de Chico Buarque uma boa definição do malandro, que é uma personagem que deseja apenas estar de bem com a vida sem se esforçar muito. O malandro sobrevive manipulando pessoas, enganando autoridades e driblando leis, de forma a garantir sua vida boa. Principalmente sambas foram escritos falando sobre esse personagem que pode ser

chamado de tipicamente brasileiro, já que ser malandro muitas vezes envolve lidar com as situações com o “jeitinho brasileiro”. Nessa outra música de Chico Buarque,

“Homenagem ao Malandro” ele enfatiza que hoje em dia o malandro talvez tenha perdido um pouco da malandragem de antigamente e tenha de fazer outros serviços para sobreviver.

“Eu fui à Lapa e perdi a viagem/ que aquela tal malandragem não existe mais/ Agora já não é normal, o que dá de malandro/ regular profissional/ malandro com o aparato de malandro oficial/ malandro candidato a malandro federal/malandro com retrato na coluna social;”
(Chico Buarque)

E de acordo com o estereótipo do samba, o malandro “é boêmio, vive de pequenos golpes, aprecia rodas de samba e não acredita no trabalho como um modo de vida confiável; no entanto, é sensível e sentimental, além de galante, cavalheiro e um amante invejável”. (1)

O samba escrito por Wilson Batista em 1933, “Lenço no Pescoço”, exemplifica retrata mais uma vez características de um malandro carioca:

"Meu chapéu do lado / Tamanco arrastando / Lenço no pescoço / Navalha no bolso / Eu passo gingando / Provoco e desafio / Eu tenho orgulho / Em ser tão vadio. / Sei que eles falam / Deste meu proceder / Eu vejo quem trabalha / Andar no misere / Eu sou vadio / Porque tive inclinação / Eu me lembro, era criança / Tirava samba-canção".
(Wilson Batista)

Em seu samba “Homenagem ao malandro”, Chico Buarque diz que foi fazer um samba em homenagem a nata da malandragem que conhece de outros carnavais, e que tem malandro candidato a malandro federal. Observamos que o compositor da música esta falando ao que se refere a política, a malandragem dos brasileiros que deveriam defender os interesses do povo; os políticos. Devido a corrupção, e de se apropriar do que é público, temos uma política corrompida que a sociedade não mais acredita, pois ao longo dos anos foi sendo desmascarada, por esses motivos há várias piadinhas e músicas que revelam e satirizam o congresso, assembléias e têm Brasília como grande alvo.

O malandro sempre sabe dar o seu jeitinho para as coisas, usa o jeitinho brasileiro ou malandragem brasileira para resolver os problemas. Em um conto do escritor brasileiro Lima Barreto, “O homem que sabia javanês”, o protagonista Castelo começa a relatar as “respeitabilidades” que sabia fazer para poder viver, e

foi até foi professor de Javanês. Mesmo não sabendo a língua foi a uma biblioteca e pesquisou algumas coisas, e se candidatou ao cargo pretendido.

Observamos que o brasileiro tem sempre um jeitinho a dar para sair do sufoco, até as coisas que lhe parecem impossíveis o brasileiro é capaz de fazer, de realizar. Para os olhos de qualquer um seria impossível que Castelo conseguiria a vaga de professor de língua Javanesa, mas a malandragem o impulsiona a realizar tal ação e aí então alguém que não sabe falar javanês se torna professor de tal língua. Os brasileiros em várias questões não se apertam, pois tem essa característica forte de resolver os problemas com sutileza e desdobramento, usufruindo por diversos momentos da malandragem que guardamos, para quando precisarmos em algum momento sem preconceito algum se utilizar.

Já sabemos que o malandro se difere do pícaro, e que se difere também do malandro carioca da bossa nova, é o malandro que prejudica que vai tirar proveitos das situações com todas más intenções possíveis, citaremos mais uma vez Antônio Candido quando diz que o malandro já nasce, pois de acordo com nossas análises, constatamos que o pícaro aprende a malandragem de acordo com a situação a que se submete, e que muitas vezes aprende com outros pícaros, e não quer ser malandro, mais aprende para no momento oportuno poder se beneficiar do alvo almejado utilizando de sua sabedoria de mentiras, travessuras e cara de pau.

Outra diferença fundamental entre o pícaro e o malandro é o contexto de vida em que as duas personagens vivem. O malandro é de uma época em que a burguesia é a classe mais alta que alguém como ele pode ascender. Mas para chegar ali ele precisaria se esforçar, trabalhar, já que o privilégio da burguesia está no capital adquirido no trabalho. Para o pícaro, o que arrumaria a sua vida seria ascender até a aristocracia e para isso, entre enganações e aventuras ele muitas vezes recorre ao trabalho. Já o malandro não deseja subir a nenhuma categoria e então não trabalha, “apenas usa a aventura e trapaça como únicas armas do anti-herói marginalizado.” (Gonzáles, p82)

O que o malandro traz de novo é que ele acaba criando um projeto de vida alternativo, em que o bom viver e o bem estar próprio é mais importante que inserir-se numa classe que nunca os desejou.

Mas partindo da idéia do presente trabalho, de que o pícaro se torna pícaro através das circunstâncias e o malandro já nasce assim, percebemos um personagem que é um exemplo de pícaro e costumamos ver as noites de quinta feira através da Rede Globo de Televisão. É o personagem Agostinho, da Grande Família.

Agostinho é um personagem que tenta levar todos na conversa, de uma forma que não prejudique o outro, porém que lhe dê vantagens, e se prejudicar ele se arrepende, porém faz travessuras de novo, o que percebemos ser típico do pícaro. É aquele sujeito literalmente folgado, tenta viver de espertezas. Foi escrito por Oduvaldo Viana Filho, no Teatro de Arena em 1970, como primeira versão. Oduvaldo expõe em cena, de uma maneira cômica, como é a realidade e as condições do povo brasileiro, e consegue através do personagem Agostinho representar os pícaros brasileiros. Agostinho nos mostra a realidade em algumas famílias, não apenas do ponto de vista social, mas nas formas de vida e no meio do qual emerge esse tipo de personagem. Vejamos os dez mandamentos de Agostinho que nos esclarece e exemplifica o que queremos dizer:

“Nunca ter vergonha de ser medroso. Sempre recorrer ao Lineu para sair de enrascadas. Ter medo da Bebel acima de todas as coisas. Manter a postura mesmo estando errado. Amar o dinheiro como se fosse um filho. Enrolar os outros em benefício próprio. Nunca perder a pose. Cuidar da família, mesmo que no improviso. Depois de Deus, só a Dona Nenê. Testar a paciência de Lineu.” (2).

E outro exemplo de pícaro brasileiro saído da literatura popular nordestina, através dos cordéis, é João Grilo. Porém João Grilo é mais que um pícaro nordestino, na verdade é a junção disso com o malandro brasileiro, pois reúne características dos dois personagens. Os pícaros, de acordo com nosso embasamento teórico, têm duas diferenças básicas com o malandro brasileiro. Segundo Antônio Cândido: “o pícaro é aquele que quer se beneficiar sem prejudicar o outro, diferente do malandro que não é um fingidor, ele é”.

O pícaro em questão é aquele que não trabalha, é um fingidor dentro da ficção. Essa é outra característica de João Grilo. Como um aventureiro, João Grilo também acaba vivendo por suas trapaças e principalmente de suas espertezas, tendo sempre resposta para tudo. “Assim sendo, o pícaro finge do começo ao fim ser o

que não é e denuncia com isto uma sociedade cujo comum denominador é a hipocrisia” (Gonzáles, pg. 44).

O malandro não deseja subir de classe social, até porque coerentemente com a sociedade de contemporânea, é a burguesia que dita as regras do bom viver. O malandro não deseja mudar de lugar, quer ficar onde está. O pícaro, em razão da fome, precisa trabalhar entre uma trapaça e outra, e mesmo que na maioria das vezes seu trabalho seja servir outros, ele sabe que através do trabalho pode ter a chance de conhecer a pessoa certa e se dar bem. E a característica talvez mais importante seja que o malandro não mostra arrependimento de suas ações ou reflete no fim de sua vida (ou da narrativa). O pícaro, mesmo que continue na sua vida de picaretagem, passa a refletir em tudo o que fez e como no caso de Lazarilho, ainda deseja ser um “homem de bem”. Já o malandro despreza o trabalho e deseja viver à custa dos outros, apenas apreciando a vida.

Visto sob essa perspectiva, o pícaro acaba desenvolvendo um “conflito existencial”. Ao mesmo tempo em que engana e é desleal, deseja ao menos parecer um homem de bem, mesmo que seja apenas com uma roupa de boa aparência. Já o malandro pode ser considerado incoseqüente nas suas ações. Não se preocupa em viver à custa dos outros ou de suas trapaças, o que o malandro quer é a boa vida para curtir.

Criado a partir dos contos populares do nordeste, As proezas de João Grilo, de João Ferreira de Lima, mostra através dos cordéis a história do pícaro nordestino que, assim como os pícaros clássicos, tem uma família desestruturada. Mas desde pequeno mostrou-se inteligente, satírico e astuto, dono de um senso crítico e humor únicos. Desde cedo já ludibriava as pessoas. E o autor se utiliza de credices e crenças populares do nordeste para iniciar a vida de João Grilo e demonstrar sua individualidade. “Na noite que João nasceu, Houve um eclipse na lua. Detonou grande vulcão, Que ainda hoje continua. Naquela noite correu Um lobisomem na rua.” (p.2).

João Grilo não ficou apenas nos cordéis. Foi imortalizado na obra O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna e se tornou conhecido além do espaço nordestino, tendo sua personalidade ainda mais trabalhada na percepção picaresca.

Através da intertextualidade, Suassuna utilizou os cordéis para acrescentar mais vida à sua obra. Em O Auto da Compadecida, João Grilo apronta tudo com todos e através de sua esperteza e astúcia, sabe como tirar vantagens de quem lhe convém.

Um exemplo de como manipula as situações a seu favor é quando consegue convencer o padre a realizar o enterro de uma cachorra, usando argumentos que convenceriam o ganancioso padre a aceitar tal heresia. Para se safar dessa situação pecaminosa, engana também o Bispo, que também é convencido por João Grilo a aceitar tudo em troca de dinheiro.

O início do cordel que conta sua vida expõe que as circunstâncias de nascimento de João Grilo demonstram facilmente que tal personagem nasce malandro feito, aprontando desde a barriga da mãe: “E nasceu de sete meses chorou no bucho da mãe quando ela pegou um gato ele gritou:- não me arranhe não jogue nesse animal que talvez você não ganhe.”(p1).

Personagem que aprontava desde antes de seu nascimento, João Grilo nasce malandro e assim é sua fama entre as pessoas que convivem com ele. Porém Suassuna o insere no contexto de sua obra, o tornando um personagem mais picaresco e com características de uma personagem nordestina. Suassuna nos passa a imagem de que para sobreviver no sertão nordestino é necessário ter a astúcia e esperteza de João Grilo, o que acaba lembrando a difícil vida na sociedade espanhola onde os três pícaros tentavam sobreviver.

E assim ao longo de sua vida, João Grilo vai realizando enganações e contando mentiras, sempre para tirar vantagens e sair das situações difíceis. Mas é quando chega ao céu que João Grilo realiza sua maior façanha; conseguir através de sua astúcia convencer Jesus Cristo de que todos que estão lá são na verdade inocentes e não merecem ir para o inferno. A própria ida de João Grilo ao purgatório acontece por conta de uma enganação sua que não deu certo e que se virou contra ele. Na sua argumentação, quando vê que não consegue enganar o mestre das enganações, apela para Nossa Senhora, usando novamente de linguagem popular: “Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré! A vaca mansa dá leite, A braba dá quando quer.”.

O uso da linguagem popular demonstra como João Grilo não mudou suas origens para agradar a outros, mas continua realizando ações que o beneficiem e o ajude a tirar proveito das situações. Sua morte foi provocada por ações suas, porém isso não o impede de tirar o máximo dessa circunstância.

Assim esse pícaro vai se aproveitando de todas as oportunidades que a vida lhe apresenta, até mesmo em circunstâncias de pós morte, e tenta trazer para si algum benefício para. Porém uma diferença importante que vemos em O Auto da Compadecida é que João Grilo tenta salvar não apenas ele, mas todos os que estão no purgatório com ele, o que seria uma característica picaresca. Com a sua segunda chance recebida por Maria, após rápido arrependimento e promessa de melhorar suas condutas, João Grilo volta a ser o que sempre foi: um malandro em essência.

E tendo em vista que João Grilo é uma personagem que exista nos cordéis, o que Suassuna fez foi a inserção desse personagem no núcleo de uma obra que não é picaresca, mas que desenvolveu as características do pícaro. João Grilo existia numa situação em que ele era o protagonista de suas ações, mesmo com seu cordel sendo contado em 3ª pessoa. Através de um narrador onisciente, ficamos sabendo das ações de João. Porém Suassuna o insere num contexto que, sendo nordestino, fez de João um participante da história e que por manter sua personalidade, o fez novamente protagonista.

E falando sobre essa personalidade picaresca de João Grilo, de acordo com Antonio Candido, em seu ensaio “A personagem do Romance” (2005, p61), são as “personagens de costumes” que nos dão esse tipo de primeira impressão. Elas são divertidas e bem mais superficiais que outros tipos de personagens. O que acontece com as “personagens de costumes” é que os traços de personalidade são logo escolhidos e facilmente podemos distingui-los à primeira vista. E é isso que acontece com João Grilo. Divertido, falante e esperto, os aspectos de sua personalidade são fixos. Diferente do malandro, o pícaro é uma “personagem plana”, que não nos surpreende em suas ações de vida. O malandro, mesmo que não querendo ascender socialmente, realiza suas ações com um “jeitinho”, o que pode surpreender o leitor no desenrolar da história.

Mesmo após morrer e estar diante de Jesus e o Diabo, João Grilo não nos surpreendeu com sua reação de recorrer a Maria, pois sabíamos que ele

tentaria reverter a situação a seu favor e para isso continuou usando seu carisma, esperteza e a sinceridade que lhe é característica. Em outro cordel, que trata de seu testamento e sua morte, João Grilo tenta trapacear até a Morte e levar vários com ele, pois já que céu é bom, pela lógica todos deveriam ir, pois o aventureiro não se dá por vencido, mesmo em seu leito brinca e esnoba de todos, do juiz, do padre, do sultão.

O pícaro ou malandro que se preze até na hora de partir para eternidade faz gracinhas, como é o caso de João em seu testamento, que deixa tudo que encontrou no mundo, a lua, o sol, as misérias, os presídios, a fome, a dor, enfim deixa muita coisa ruim, e parece que o desejo dele é esse, que todos continuem sofrendo, pois ele sofreu até seu ultimo dia, pois não tinha nada na vida, somente seu instinto de trapacear e enganar os outros.

Analisamos em vários contextos o pícaro e o malandro e chegamos à conclusão que o Brasil é um país repleto dessas personagens. Pobres ou ricos se mesclam e então pudemos observar que na Espanha essa personalidade trapaceira, enganador é pícaro e no Brasil é malandro, com suas diferenças já analisadas.

Concluimos que João Grilo na literatura de cordel é um malandro, pois antes mesmo de seu nascimento ainda na barriga de sua mãe já aprontava, então percebemos que segundo o teórico Antônio Cândido a personalidade de João é de malandro, pois já nasceu e perpetuou em sua vida com essas características. Já no que diz respeito da obra O Auto da Compadecida de Ariano Suassuna, o qual adaptou da literatura de cordel, João grilo acaba se transformando num pícaro, pois sua personalidade se torna mais maleável.

O Brasil está repleto de pícaros e malandros em qualquer esquina ou repartição pública, o brasileiro gosta de se beneficiar das coisas, por exemplo, deixar sempre uma conta de luz atrasada, consumir produto no supermercado antes de chegar ao caixa, mesmo sendo avisado que não pode, entre outras situações que se tornaram comuns no dia a dia do brasileiro.

Se formos analisar as diversas malandragens do brasileiro, chegaremos à conclusão que o pícaro por aqui passou a distância, mas deixou seu irmão malandro, e é isso que nos diferencia de muitos povos, somos brasileiros e sabemos sobreviver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª Edição revisada. Ed Cortez. São Paulo, 2009.

CANDIDO, Antonio. **O Discurso e a Cidade**. 2ª edição. Editora Duas Cidades. São Paulo, 1998.

_____, Antonio, et al. **A Personagem de Ficção**. 11ª edição. Editora Perspectiva. São Paulo. 2005.

GONZÁLES, Mário. **O Romance Picaresco**. Ed Áica, 1988, São Paulo.

LIMA, João Ferreira. **Literatura de Cordel: As Proezas de João Grilo**.

SUASSUNA, Ariano. **O Teatro Moderno: O Auto da Compadecida**. 8ª Ed. Rio de Janeiro. Editora Agir.

(1) www.wikipedia.com/ Malandragem

(2) <http://www.blogadao.com/a-grande-familia-os-dez-mandamentos-do-agostinho-carrara/>